

Os bichos e nós e o que fazemos nós dos nossos bichos

Carlos Rodrigues Brandão

Vocês já repararam uma coisa ao mesmo tempo bastante corriqueira e muito interessante? Desde o tempo das estórias infantis mais antigas e dos velhos contos de fadas, até o tempo das estórias em quadrinhos e dos desenhos animados, quase sempre os bichos são pessoas e personagens como nós. O Coelho Pernalonga é um ótimo exemplo. Os animais que contracenam entre eles ou com pessoas como você e eu. Eles sentem, pensam, agem e constroem as suas vidas como nós, os seres humanos. Às vezes eles se vestem, calçam, usam óculos, lêem, estudam, utilizam artefatos de nosso mundo humano, e aqui e ali, eles moram em casas como as nossas. Ou quase como as nossas. O Coelho Pernalonga vive numa toca de coelhos, mas “lá dentro” tudo é quase igual a uma casa de família humana. E de vez em quando os animais de uma estória infantil vivem como membros de uma família, tal como as nossas.

Coelhos, porcos, cães e gatos, ratos (sempre muito simpáticos), pássaros e, até mesmo, animais selvagens contracenam e agem como nós em quase tudo. Ao invés de mugirem, latirem, grunhirem, piarem ou miarem como vacas, cachorros, passarinhos ou gatos, eles falam nossas línguas e dizem entre eles ou a nós, pessoas humanas, palavras e idéias como as que usamos e compreendemos quando falamos algo entre nós.

Mas quando os contos e filmes são para jovens, como em Mowgli, o menino lobo, ou no Tarzan, os animais domésticos e, principalmente, os selvagens, estão a meio caminho entre os bichos e os homens. Eles ainda sentem e falam entre eles ou a nós, como nós falamos e traduzimos os nossos sentimentos e as nossas idéias. Como na história de Mowgli, os bichos da selva possuem personalidades bem marcadas e em geral se dividem entre “bons”, como a pantera, o urso e os lobos e os e “maus”, como o tigre. Eles se comportam exteriormente como animais selvagens, mas observam preceitos de vida e de relacionamentos entre eles e com os seres humanos, que se parecem muito com os nossos. A diferença entre os bichos das lendas, fábulas e estórias para crianças e os animais das histórias para jovens e adultos, é que nas primeiras os bichos vivem e agem exatamente como os humanos, sob suas figuras de animais humanizados, enquanto nas segundas eles vivem como plenos da selva, mas agem também como os seres humanos. Os macacos, leões e elefantes da convivência de Tarzan são em quase tudo como as feras da floresta sempre foram: moram em tocas, em árvores ou em outros lugares de uma floresta. Não vestem roupas e não usam os utensílios dos humanos. Tarzan sabia disto muito bem. Como um humano, mas falando ora a língua dos macacos, ora a dos elefantes, ele aprendeu a conviver e a se comunicar com os animais da floresta,

quase se tornando um pouco como eles, antes de aprender a viver uma vida humana, entre os seres humanos. Ora, embora os bichos e os homens pareçam “falando como nós” na história de Mowgli, o menino lobo, logo se percebe que cada bicho fala aos outros e ao menino em sua própria linguagem animal. Como será que Mowgli aprendeu tão depressa a fala de cada um? Em que linguagem Tarzan se comunicava com sua mãe adotiva, uma gorila?

Bem sabemos que tudo isto é uma metáfora, uma boa fantasia. Essas pequenas histórias são belas, mas são fantasiosas. Crianças perdidas na floresta e criadas por lobos, e depois encontradas por seres humanos na Índia, em nada se pareciam conosco, a não ser na figura do corpo e na imagem do rosto. Nos registros conhecidos, as crianças-fera, como foram indevidamente chamadas, andavam de quatro, como lobos, comiam e dormiam como lobos. Não falavam nada e emitiam sinais com a voz semelhantes aos dos lobos. Não riam e não choravam. Em corpos humanos dormitavam seres que, por haverem sobrevivido aprendendo com os animais que os acolheram, viviam, sentiam e se relacionavam entre elas, com os lobos e com a vida, como lobos da floresta.

Ao criarmos histórias e lendas como as de Chapeuzinho Vermelho, O Gato de Botas, os Quatro Heróis (os músicos de Bremen), Mowgli ou Tarzã, projetamos sobre elas o nosso imaginário, sempre ilimitado, sempre quase infinito em sua vocação de criar. E entretecemos com palavras os múltiplos e diversos fios do tecido sempre inacabado de nosso imaginário. E bordamos ali os nossos desejos de alargar sempre e sempre os cenários, as cenas e o círculo dos seres que possam vir de onde venham, e que saibam se relacionar conosco, como eles próprios ou como nós mesmos.

Como seres do mistério da vida, os animais são seres de uma mesma natureza que a nossa. E eles compartilham conosco os diferentes ambientes de um mundo natural de uma mesma casa e nave errante no universo: o planeta Terra. Somos parte da natureza e somos, em nossos corpos e mentes, em nossas vidas e destinos, de algum modo como os animais.

Entre nós e os animais da Terra há muitas semelhanças biológicas, genéticas e mesmo psicológicas. Por isso, mesmo sem possuímos por enquanto uma linguagem comum, em boa medida nós nos entendemos. Mas há também diferenças relevantes, e uma delas é essencial. Podemos chamá-la de *cultura*. E no caminho percorrido em larga escala por eles e nós, mas quede um ponto em diante se divide e nos leva por trilhas diferentes em direção, quem sabe? De um mesmo horizonte, a *experiência da cultura* é toda a diferença.

Sendo também seres da natureza, nós somos e nos tornamos humanos porque, ao contrário dos animais que se transformam corporalmente para se adaptarem às mudanças do meio ambiente em que vivem, nós transformamos os ambientes em que vivemos para adaptá-lo a nós e para tornarmos possível e progressiva a nossa vida nele. Os animais vivem solitária ou coletivamente imersos no interior de

nichos e cenários de um mundo natural pré-existente e naturalmente ofertado a eles. Nós aprendemos aos poucos e duramente a construirmos nossas vidas em mundos naturais também pré-existentes a nós originalmente dados, ofertados “naturalmente” a nós. Mas mundos naturais socializados, transformados.

Transformados em que? Em *mundos de cultura*. Vivemos em mundo natural e humanamente cultural. Olhe à sua volta: a comida de sua manhã de hoje, as suas roupas, a sua cadeira, os papéis que você tem nas mãos, a tela colorida de um aparelho chamado “televisão”, ou o computador que você acaba de conectar em algo chamado “energia elétrica”. Tudo isso são matérias e energias da natureza do generoso planeta errante que você e eu habitamos, e que formas semelhantes e diversas de uma coisa chamada “trabalho” foram transformando de “coisas da natureza” em “objetos da cultura. De sua cultura. De seu mundo e do meu mundo cultural. Pois se você agora me lê ou me ouve, e me entende, este deve ser um sinal de que de algum modo habitamos e aprendemos a ser quem somos, em um mesmo “mundo”. Mas, qual “mundo”? Retornemos por um momento aos animais para depois voltarmos de novo a nós.

Claro, alguns bichos também lançam mão das “coisas do mundo” para criarem a sua maneira de viverem em “seu mundo”. Quando os nossos primeiros ancestrais viviam a esmo e moravam em bandos em qualquer lugar, e não haviam dominado ainda o fogo e nem aprendido a habitar as cavernas, as abelhas já construíam colméias cuja sábia arquitetura até hoje nos espanta. E formigas e cupins constroem de terra e de matéria de seus próprios corpos verdadeiras cidades quase perfeitas. E mesmo ninhos de passarinhos – olhe-os com cuidado - como o do João Congo ou a casa do João de Barro, são verdadeiros prodígios de uma engenharia natural. Mas todos os animais “construtores” fazem sempre as mesmas coisas do mesmo modo, geração após geração, como uma extensão natural de sua biologia. Fazem assim e sempre assim, com talvez mínimas mudanças ao longo dos milênios. Eles constroem com o que a biologia de seus corpos determina que façam.

Nós não. Nós antes não sabíamos fazer e, então, aprendemos. A espécie humana ao longo de sua história foi aprendendo. E cada um de nós por sua vez recapitula esta história em sua biografia. Porque uma a uma, aprendemos ao longo da infância e da vida todas as coisas que aprendemos. Que aprendemos para ser quem somos, para viver como vivemos, para sentir e pensar o que sentimos e pensamos, para criar, fazer e transformar tudo o que a sós ou solidariamente criamos, fazemos e transformamos.

Não somos quem somos, seres humanos, porque somos “seres racionais”. Somos quem somos e somos até mesmo “racionais”, porque somos seres “aprendentes”. Somos seres vivos dependentes de estarmos a todo o tempo de nossas vidas – e não apenas durante algumas “fases” dela – aprendendo e reaprendendo. Somos pessoas humanas que dependemos inteiramente dos outros e nossas interações afetivas e

significativas com eles para aprendermos até mesmo a sermos... Pessoas. Tartarugas nem sequer das mães necessitam para saírem dos ovos e da areia prontas para a vida. Pássaros precisam da mãe ou do par de pais para completarem por algum tempo, sobre a biologia do corpo, aquilo que é o saber da espécie e se individualiza em Ada um deles. Lobos (inclusive os de Mowgli) precisam conviver um tempo maior com os pais e, depois, com a comunidade da alcatéia, para se socializarem completamente. Macacos (inclusive os de Tarzan) mais ainda. Eles aprendem com os pais e com outros de seus bandos, por um tempo ainda maior. E entre eles há jogos expressivos, ritos e cuidados afetivos que os aproximam muito de nós, os humanos.

E nós? Nós somos o extremo da experiência em que a *vida de um indivíduo* precisa aprender interativa, social e culturalmente, para tornar-se *um ser pessoal*, uma *pessoa*. Ou seja: a cultura de uma gente, de um povo, de uma família, realizada na vida e na experiência única de uma pessoa.

Somos porque aprendemos, e a educação tem, na criação da vida humana, um lugar bastante mais essencial do que em geral imaginamos. Na verdade, como seres inteiramente dependentes de processos culturais de socialização (de transformação de um indivíduo em uma pessoa) somos e seremos sempre a educação que criamos e que criaremos, para que ela continuamente nos recrie. A nós e aos nossos filhos.

Não criamos mundos socializados da natureza em mundos de cultura, porque sabemos. Criamos o que fazemos porque nos socializamos em uma cultura: Porque nos instruímos, como os lobos e os macacos. Mas também porque nos capacitamos, como eles em seus limites. Mas também porque, para além deles, aprendemos e reaprendemos enquanto nos formamos, nos educamos.

E porque somos educados e criamos mundos onde estamos continuamente nos ensinando-e-aprendendo, sabemos pensar reflexivamente antes de fazermos o que criamos. Nós construímos primeiro na mente as casas que depois edificamos sobre a Terra. Por isso começamos aprendendo a viver em cavernas e hoje aprendemos uns com os outros a construímos as primeiras casas fora do planeta, nas estações espaciais. E assim aprendemos a transformar quase toda a natureza que nos circunda. Ocupamos praticamente todos os espaços naturais da Terra. E criamos, para vivermos nos gelos do Ártico, nos desertos da África, na Floresta Amazônica ou nas alturas dos Andes, as nossas casas e cidades, e as nossas roupas, e nossas culinárias, e todos os demais múltiplos artefatos da vida cotidiana.

E criamos tudo isto porque aprendemos a pensar reflexiva e simbolicamente. Somos provavelmente a única espécie de seres vivos que sente e pensa, e que se sente pensando e se sabe sentindo. E que sente o que sabe porque sabe o que sente (ou pelo menos imagina que sabe). E que aprende a sentir, a lembrar e a saber. E que vive a sua vida não em um terno e generoso presente único, como os lobos, mas dentro de um tempo que é uno e triplo: passado, presente futuro. Por isso construímos berços em casas para os que ainda vão nascer, e covas em casas para os que já

morreram. Aprendemos a expressar quem somos e como somos através de criações simbólicas que tornaram os sons guturais de nossos antepassados em palavras sonoras e cheias de sentido simbólico. E das palavras geramos preces, pensamentos, preceitos, poemas e teoremas. E com eles e outros pensamentos, criamos as ciências, as teorias, os mitos, as crenças e as religiões, as artes e outras formas culturais de atribuir sentido a nossas vidas e destinos e aos mundos em que as vivemos e os cumprimos.

iguais e diferentes: cultura, culturas

Somos uma estranha espécie de seres vivos, é preciso repetir. E talvez em toda a Terra sejamos a única assim, pelo menos por enquanto. Pois possuímos, mulheres e homens de todos os povos de antes e de agora, uma mesma herança genética. E somos tão iguais em nossas mínimas diferenças biológicas, que bem poderíamos haver criado uma forma única de viver, um único modo de vida, uma única língua, uma só cultura. A metáfora da Torre de Babel poderia nunca haver existido. No entanto, criamos uma infinidade de maneiras diversas de ser e de viver, de pensar e mesmo de sentir, de falar e de expressar sentimentos, saberes e sentidos da vida através de imagens e de idéias. Vejamos um único pequeno exemplo: são mais de cinco mil as línguas faladas hoje ao longo do planeta, e somente no Brasil elas são mais de cento e oitenta.

Para vivermos na Terra, e para nos haveremos transformado em seres humanos de uma única espécie (as dos hominídeos que nos antecederam foram várias) ao longo dos anos da história da humanidade, aprendemos a criar e transformar de muitas maneiras os mundos em que vivemos as nossas vidas. Assim, podemos dizer que se a *natureza humana* é uma só, as *culturas humanas* foram e seguem sendo múltiplas e diferentes. E somos na verdade humanos porque somos tão iguais e tão diferentes. Os mesmos e tantos outros. E, eis que os contos dos novos livros e os filmes de ficção-científica estão aí para nos sugerir em que poderemos vir a nos transformarmos, para o bem ou para o mal, se continuarmos sendo assim como somos. Pois depois de tantos milhões e milhares de anos, mal estamos começando a existir na Terra.

Somos seres criadores de diferentes *culturas* e de tantos *modos de vida culturais* porque aprendemos a saltar do *senal* (como ao fumaça que indica o fogo) ao *signo* (como os movimentos da dança nupcial de alguns pássaros, ou de algumas pessoas), e deles para o *símbolo*. Sim, o *símbolo*, uma criação livre e arbitrária do imaginário e da mente humana, que inventa em uma língua chamada Português a palavra “*fogo*”, para traduzir uma mesma coisa da natureza, dita e escrita de infinitas maneiras diferentes em várias línguas. Escrita e cantada com diversos significados, conforme esteja em um livro de física, em um escrito religioso, em um manual de sobrevivência na floresta, em um livro de formação de futuros

bombeiros ou no poema com que um jovem apaixonado diz à mulher amada o que ele sente dentro do coração.

Culturas não envolvem apenas as coisas materiais do mundo com que criamos o entorno “fabricado” de nossas sociedades: casas, casacos, canetas, comidas, carros e computadores. Sim, em boa parte a *experiência da cultura* está no que nós fazemos ao transformarmos as coisas da *natureza* em objetos da *cultura*, através do *trabalho*. A *cultura* está contida em e entretida com tudo aquilo em que nós nos transformamos ao criarmos as nossas formas próprias – simbólicas e reflexivas - de convivermos uns com os outros em e entre as nossas vidas. Vidas vividas, de um modo ou de outro, dentro de esferas e domínios de alguma vida social.

A *cultura* existe nas diversas maneiras por meio das quais criamos e re-criamos as teias, as tessituras e os tecidos sociais de símbolos e de significados que atribuímos a nós próprios, às nossas vidas e aos nossos mundos. De uma pequenina palavra a toda uma teoria filosófica, estamos continuamente elaborando, partilhando e transformando diferentes sistemas de compreensão da vida e de orientação da conduta social. Criamos os mundos sociais em que vivemos e só sabemos viver nos mundos sociais que criamos. Ou onde reaprendemos a viver, para sabermos criar com outros os seus outros mundos sociais. E isto é a *cultura* que criamos para viver e conviver.

Depois de ler (ou reler) *Mowgli, o menino Lobo* e *As aventuras de Tarzã*, leia ou releia *Robinson Crusóé*. E você verá que sozinho de só, anos e anos em uma ilha deserta aprendeu a sobreviver porque não era um menino-lobo e não viveu como um lobo, sendo um ser humano. Ele sobreviveu porque transplantou para o domínio da natureza de sua ilha toda a *cultura espiritual* contida nos símbolos, nos saberes, nas sensibilidades, nos sentidos, nos significados e nas sociabilidades um dia aprendidos em sua anterior “vida inglesa”. Aprendidos em inglês e internalizados em sua pessoa social. Naufrago e solitário sim. Mas um “inglês culto e educado” que um dia naufragou. E sobreviveu (numa boa) porque recriou na ilha deserta uma mínima herança da cidade ocidental, com os restos de sua *cultura material*, que ele foi recolhendo dos restos do navio naufragado e que por uma rara felicidade vieram encalhar em seu novo lar.

Ora, quase tudo o constitui uma então uma entre as muitas e muitas *culturas humanas* envolve aquilo através do que nós aprendemos uns com os outros. E, assim aprendendo e co-aprendendo, pensamos, dizemos e nos comunicamos. Desta forma a *cultura* está presente nas maneiras como criamos: entre nós mesmos, sobre nós mesmos e para nós mesmos, as palavras, as idéias, as crenças e as fábulas a respeito de quem nós somos; do porque somos quem somos; de como devemos ser uns com os outros, e com os outros que não são como nós.

Por isso até mesmo, nas “coisas” mais práticas e úteis da vida cotidiana somos ainda e sempre imaginativos criadores de símbolos. Somos seres regidos por princípios naturais de sobrevivência. Logo, somos seres práticos e utilitários. E em

nossos dias atuais temos sido “isto” em demasia. Por outro lado, de uma maneira afortunada somos seres sequiosos de imaginação, de beleza, de sentimento e de sentido. Por isso comemos com a boca e o estômago, mas também com os olhos e o paladar. E as roupas que vestimos nos abrigam do frio ou do calor. Mas os seus padrões, desenhos e cores servem também para nos dizermos a nós mesmos e aos outros: quem somos, em que lugar de nosso mundo achamos que estamos situados, do que gostamos, quem ou o que nos gerou, como sonhamos que poderíamos ser, em crenças da ciência, da filosofia, da arte ou da religião acreditamos.

A mesma coisa acontece com as casas onde vivemos e até mesmo com os automóveis em que nos movemos. Se isto lhe parece um exagero, procure olhar à sua volta e veja se encontra algo que de alguma maneira não esteja servindo também a dizer uma mensagem, a embelezar um corpo ou um ambiente, a traduzir algo, a comunicar algo a alguém.

as culturas populares, artes populares, aprendizado e educação

Nada mais errado do que dizer: “esse homem não tem cultura nenhuma”. Nada mais equivocado do que dizer: “essa é uma gente sem cultura”. E, no entanto, não é raro que algumas pessoas pensem assim. E também não são raras hoje em dia, como no passado, ações sociais derivadas de idéias que centram em um *modo de ser* ou em uma *cultura* toda a excelência, e desqualificam as outras. Ações sociais por meio das quais em algum lugar do mundo uma língua antiga de um povo é proibida de ser falada; uma religião é proibida de ser praticada, algumas formas de pensamento são proibidas de serem pensadas e algumas canções são proibidas de serem cantadas.

Cada ser humano é um eixo de interações de ensinar-aprender. Assim, qualquer que seja, cada pessoa é em si mesma uma fonte original de saber e de sensibilidade. Em cada momento de nossas vidas estamos sempre ensinado algo a quem nos ensina e estamos aprendendo alguma coisa junto a quem ensinamos algo. Ao interagir com ela própria, com a vida e o mundo e, mais ainda, com círculos de outros atores culturais de seus círculos de vida, cada pessoa aprende e reaprende. E, assim, cada mulher ou homem é um sujeito social de um modo ou de outro culturalmente socializado e é, portanto, uma experiência individualizada de sua própria *cultura*.

Uma criança de dois anos aprendeu uma língua e aprendeu e aprenderá, antes e depois, a “linguagem” dos costumes e crenças de seu povo, de sua gente. Desde muito cedo e por toda a sua vida, já a sua *cultura* a habita. Já ela é também uma habitante de um mundo de partilha de símbolos e de sentidos de vida.

Devemos repetir a mesma idéia: cada um de nós, qualquer que seja o nosso grau e vocação de estudos escolares ou extra-escolares, é uma fonte única e original de saber e de sentido. Em cada pessoa uma *cultura* vive um momento de sua

subjetividade. E uma mulher “analfabeta” é uma pessoa “letrada” nos muitos outros saberes e sabedorias de sua vida e sua *cultura*. Sem saber ler as palavras que os eruditos escrevem, ela pode ser senhora de sabedoria popular rara e preciosa.

Com mais motivos e em um âmbito bem mais amplo, a mesma coisa acontece com cada fração social de pessoas e de conexões entre pessoas: uma família, uma pequena comunidade de pescadores ou de camponeses, uma tribo ou aldeia de indígenas, por pequena que seja. Algumas tribos indígenas brasileiras com não mais do que umas cem mulheres e homens, falam línguas tão complexas que exigem de quem chega anos de estudos para serem aprendidas. Nenhuma delas deixa de ter os seus mitos, as suas lendas, as suas estórias para crianças, os seus cantos, seus deuses e suas danças. Todas elas ao longo do tempo desenvolveram sábias tecnologias para viverem e se reproduzirem na floresta. Ali onde um de nós, “branco civilizado”, morreria de fome ou de medo em poucos dias, mulheres indígenas criam filhos sábios e sadios. Todas as tribos indígenas, assim como todas as nossas comunidades populares, são sociedades humanas criadoras de suas próprias *culturas*. Crianças e jovens participantes delas são socializados a partir da relação fundadora com a mãe, de tal maneira que ao atingirem a juventude, moças e rapazes estão plenamente “prontos para a vida”. Isto é, foram educados para aprenderem a caçar, a plantar, a preparar alimentos, a curar doenças, a fazer o amor, a falar a sua língua e conhecer suas diferentes linguagens e gramáticas culturais, a criar os seus filhos, a interagirem com as diferentes categorias de atores de seu mundo social, a compreenderem o sentido de seus mitos, a crerem em seus deuses e a lidarem com o sr mais perigoso do planeta: o “homem branco e civilizado”.

Não há grupo humano estável que além de ter a sua vida social, a sua *sociedade*, não tenha também a sua *memória*, a sua *história*, a sua *cultura*. A complexa teia e trama daquilo que em tudo o mais – vida social, memória, história – a experiência de uma *cultura*, de sua partilha recíproca e de seu aprendizado está contido. As formas humanas de “ocupar o planeta”, de “socializar a natureza” e de criar um “modo de vida” peculiar, são muitas. São múltiplas ao longo da já longa história humana e são múltiplas na geografia da atualidade.

Nós nos acostumamos a atribuir qualidades às diferentes culturas humanas, em geral tomando a nossa própria como referência. Às vezes damos a isto o estranho nome de *etnocentrismo*. O nome é estranho mesmo, e a “coisa” que ele traduz também. Pois ele é a perigosa vocação de centrarmos nossas avaliações em nós mesmos, em nosso “etno” - nossa identidade, “ethos”, maneira de ser e viver, nossa *cultura*, enfim - e a partir daí atribuímos significados a todos e a tudo o mais.

Por isso mesmo, ao falarmos das *culturas* que povoam o nosso cotidiano – umas mais próximas, outra mais distantes – além de falarmos de “cultura baiana”, “cultura brasileira”, “cultura ocidental”, cultura moderna”, cultura arcaica”, falamos também de “cultura erudita” *versus* “cultura popular” (ou: “cultura

inculta”, “cultura rústica”); “cultura civilizada” *versus* “cultura primitiva” (ou: “cultura selvagem”, “cultura indígena”); “cultura letrada” *versus* “cultura iletrada”, e assim por diante. E haja nomes!

No entanto, com um outro olhar, com o olhar de vocação *multicultural*, compreendemos que as *culturas humanas* são diferentes, mas nunca desiguais. São qualidades diversas de uma mesma experiência humana, e qualquer hierarquia que as quantifique e estabeleça hierarquias, é indevida. A própria idéia de que *culturas* evoluem e que as “mais atrasadas”, mais “populares” ou mais “primitivas” poderão atingir graus de “civilização” semelhantes às nossas (“nossas” de quem, cara pálida?) hoje em dia não recebe mais crédito algum entre as pessoas que estudam a fundo as diferentes *culturas*.

Tanto isto é verdadeiro que observamos hoje em dia uma enorme preocupação entre povos tidos como “os mais civilizados”, para com as suas memórias, histórias antigas e tradições populares. Em dois exemplos recentes do mundo ocidental vimos e seguimos vendo isto ocorrer: a Espanha de depois de Franco e a ex-União Soviética, de depois da queda do Muro de Berlim (um outro poderoso fato simbólico, não?). Em poucas nações houve e segue havendo um retorno aos valores, aos costumes, às artes, às experiências espirituais e religiosas, e também a tradições arcaicas e populares, como nestas duas nações.

Mais do que aqui no Brasil, na Espanha as crianças e os jovens aprendem o Espanhol, mas também outras línguas, como o Galego, o Catalão e o Basco. E não apenas isto. Nas escolas elas se revestem durante oficinas e nas festas populares, com as roupas de suas avós. Aprendem os seus cantos, suas falas, suas culinárias e seus poemas. Sem deixarem de habitar contextos sociais bastante modernizados, as pessoas reaprendem com gosto a reviver antigas tradições. Lástima que elas tenham quase “desaparecido” para serem de novo “redescobertas” e “revalorizadas”. Lástima que convivamos com culturas hoje em dia tão frágeis, que necessitem serem “protegidas”.

Nas culturas populares existem formas de educação extra-escolar cujo valor apenas agora começamos a descobrir. Tal como acontece com os povos indígenas, cantando e dançando, vendo como-se-faz-e-fazendo, jogando e trabalhando ao lado dos “mais velhos”, os “mais jovens” convivem com aprendizados simples e complexos que vão dos segredos do plantio do milho até os de uma Folia de Santos Reis.

A educação utilitária e instrumental das escolas seriadas acompanhou toda uma vertente dominante no pensamento ocidental e deixou que duas quebras dramáticas fossem e sigam sendo consumadas. Uma é a “cientificação” crescente do conhecimento. Outra é a desqualificação de outras *culturas* e, sobretudo, as *culturas populares*, em nome de formas únicas e pretensamente civilizadas e eruditas do saber e do viver.

Temos perdido pouco a pouco um sentido arcaico e interativamente integral da vocação humana na criação de suas *experiências de cultura*. Temos sido levados a pensar que apenas o conhecimento oficialmente ocidental e científico, originado em centros consagrados do saber competente, é válido, útil, confiável. E, portanto, apenas o que provém dele e das ciências oficiais que o conduzem deve ser ensinado de fato nas escolas. Desaprendemos a lição de que não cabem nos limites das ciências oficiais a nossa vocação e a nossa capacidade de buscar respostas às nossas perguntas, de encontrar sentidos múltiplos e polissêmicos para as vidas, de entretecer compreensões e interpretações sobre os seus mistérios e os do mundo.

Outros sistemas de conhecimentos, de sentidos e de significados são igualmente fontes de preciosas e originais de saber e de valor. As artes, as filosofias, as experiências espirituais e religiosas de todos os povos, em todos os tempos, cada uma delas e todas elas constituem modalidades e qualidades diversas de saber e de sentido. Tal como acontece entre as diversas *culturas*, dentro de uma mesma *cultura* a física nuclear, a poesia, a música e a matemática não são formas hierarquicamente desiguais de conhecimento. São experiências igualmente diferentes de sentir, de compreender e de interpretar o real e, nele, a vida e a condição humana. Se existe alguma diferença, ela está em que com a física nuclear podemos fazer bombas atômicas, enquanto com a poesia podemos criar apenas os poemas que lamentem os seus resultados ou que bradem contra os seus senhores.

Em uma outra direção, a escola deixou de lado, ou colocou como assunto de “hora do recreio” ou “do mês de agosto”, a experiência tão rica no Brasil de criação de *artes, saberes, valores e saberes populares*. Uma atenção um pouco mais generosa para com a criação popular nos ajudaria a ver e a compreender que tal como sucede nos domínios das ciências e artes eruditas, entre nossos pescadores artesanais, entre nossos camponeses, seringueiros e tantos outros sujeitos de vida e de trabalho cultural, existem e se transformam verdadeiros sistemas complexos de conhecimento. Complexos sábios de saberes técnicos, científicos, sociais e artísticos, com que tanto se cura uma doença quanto se recorda a memória da história de um povo.

A educação que tanto revê os seus currículos, ganharia muito em qualidade se fosse capaz de realizar algo mais do que uma simples revisão. Se ela ousasse reencontrar um sentido menos utilitário e mais humanamente integrado e interativo em sua missão de educar pessoas. Um dos passos nesta direção seria o reintegrar e fazer interagirem as diferentes criações culturais do espírito humano, com um mesmo valor. Ensinar a pensar e sensibilizar o pensamento entretecendo a matemática e a música, a gramática e a poesia, a filosofia e a física.

Um outro passo estaria na redescoberta do valor humano e artístico das criações populares. Mas seria então necessário trazê-las para a escola e para a educação, não como fragmentos do que é pitoresco e curioso, ou como um momento de aprendizado de hora de recreio. Ao contrário, o que importa é reaprender com a

arte, o imaginário e a sabedoria do povo – dos vários povos do povo – outras sábias e criativas maneiras de viver, e de sentir e pensar a vida com a sabedoria e a sensibilidade das artes e das cultura do povo.

Referências bibliográficas

Boaventura de Souza Santos

UM DISCURSO SOBRE AS CIÊNCIAS

Ed. CórteX, São Paulo (várias edições de vários anos)

Clifford Geertz,

A INTERPRETAÇÃO DAS CULTURAS

Tem uma edição velha da Zahar. Tem melhor, de outra editora.

Roque de Barros Laraia

CULTURA, UM CONCEITO ANTROPOLÓGICO

Jorge Zahar. Existem edições novas

Carlos Rodrigues Brandão

A EDUCAÇÃO COMO CULTURA

Mercado das Letras, Campinas, 2002

***Este documento compõe uma sequência de escritos
ao redor da antropologia e da educação.
Não os pensei e nem os escrevi com preocupações acadêmicas.
Eles são para serem lidos e dialogados
como “exercícios livres de escrita”.
Estão livres de cuidados preocupações científico-acadêmicas.
E são rascunhos de escritos “atirados nas nuvens”
e solidária e gratuitamente disponíveis para quem os queira ler,
ou dar a eles uma qualquer destinação.
As mesmas palavras e ideias
poderão estar presentes em vários escritos.
Outros escritos meus entre
a literatura, a antropologia e a educação,
podem ser também livre e gratuitamente acessados em:
www.apartilhadavida.com.br***

